

Duquesne University

## Duquesne Scholarship Collection

---

I/D Informação Documentação (Portuguese)

ID and Anima Una

---

12-1-2002

### 2002 Vol. 59: Viver em Comunidade Internacional e Intercultural

Conselho Geral

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/id-po>

---

#### Repository Citation

Conselho Geral. (2002). 2002 Vol. 59: Viver em Comunidade Internacional e Intercultural. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/id-po/62>

This Article is brought to you for free and open access by the ID and Anima Una at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in I/D Informação Documentação (Portuguese) by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.



## VIVER EM COMUNIDADE INTERNACIONAL E INTERCULTURAL

### 1. Novo rosto de nossa família

O Capítulo de Maynooth constata que "circunscrições mais pequenas que antigamente se desenvolvem. Elas são numerosas, distribuídas em todos os continentes, e tornam-se quase todas internacionais" (7.2.1). Esta constatação supõe a transformação e o desaparecimento progressivo dos antigos "distritos", como grupos 'nacionais', e o nascimento de grupos apostólicos internacionais, pequenos e dependentes, em seus inícios, do Conselho Geral. Pouco a pouco a nossa família adquire um rosto novo: vida em comunidade internacional e intercultural, presença em todos os continentes e um contributo cada vez maior dos confrades originários do Sul.

#### • *Um rosto multicultural*

A nossa Congregação nasceu na Europa. Os missionários de Poullart des Places partiram para a América do Norte, Ásia e África Ocidental (1778). Com Francisco Libermann, a África tornou-se o lugar privilegiado de nossa Missão e neste continente a família espiritana, nas últimas décadas, adquiriu raízes profundas. Os Espiritanos chegaram em 1885 ao Brasil e nos últimos anos a nossa presença espalhou-se a outros países latino-americanos. Os nossos antigos compromissos nas ilhas do Oceano Índico (Madagáscar, Maurícia e Reunião) e a nossa presença recente em vários países da Ásia e da Oceânia abrem-nos as portas para esses dois continentes. Estamos presentes nos cinco continentes.

O nosso testemunho atraiu jovens de quase todos os continentes. A Nossa Congregação acolheu como seus membros, pessoas das mais variadas origens e culturas. Ela dotou-se de estruturas que permitem que Espiritanos de diferentes procedências

possam conservar a sua própria identidade, adquirirem paulatinamente a sua própria organização, seus líderes e seus próprios meios de formação. Continuamos também a enraizar-nos aonde somos enviados. A nossa proximidade e a nossa fidelidade dão consistência ao nosso testemunho. Pela nossa presença junto dos povos, e os mais desfavorecidos, enriquecemos mutuamente. Aí se realiza o sentido de nossa universalidade.

#### • *O caminho para a internacionalidade*

Como missionários, enviados 'àqueles que ainda não ouviram o Evangelho', 'aos pobres e aos desfavorecidos' e 'aonde a Igreja encontra, com dificuldade, operários' (RVE, 12), os Espiritanos foram sempre chamados a transpor as suas próprias fronteiras e ir ao encontro dos outros. Neste sentido 'a Congregação sempre teve um carácter internacional' (Cap. Geral, 1980, V E. 201) e Espiritanos de nacionalidades diferentes sempre trabalharam juntos.

Após o Capítulo de 1968, os Conselhos Gerais, para responder aos novos compromissos missionários, promoveram os grupos internacionais; após 1974, a internacionalidade torna-se uma insistência nos documentos da Congregação. Dois documentos I / D (Set. / 1977 e Fev. / 1983), procuraram despertar toda a Congregação para essa dimensão. Nessa ocasião foram criados alguns grupos internacionais, como os do Paraguai, do Paquistão e do Sul da Etiópia.

Depois dos anos 90, várias circunscrições tornam-se pouco a pouco internacionais, quer devido à necessidade e à oportunidade, pois faltavam as vocações nos províncias de origem, quer devido à disponibilidade de Espiritanos vindos do Sul. Tal

acontecimento foi também uma questão de opção. Actualmente, podemos dizer que a vida internacional e intercultural é já uma realidade, embora a efectivar de maneira progressiva.

- *A situação actual*

Nestes últimos anos em relação à vida em comunidades internacionais e interculturais houve uma grande evolução. O quadro seguinte dá-nos uma ideia:

Grupos apostólicos internacionais	Etiópia, Malawi, Zâmbia, Zimbabwe, Argélia, Moçambique, Paquistão, Papuásia Nova Guiné, Filipinas, Taiwan, Austrália, Croácia, México, Paraguay,	Espiritanos Envolvidos	<b>150</b>
Fundações Internacionais	Fundação da África Noroeste (FANO), Fundação da África do Sul (SCAF), Fundação da Rep. Democrática do Congo, Fundação do Oceano Índico (FOI), Haiti, Porto Rico,	Espiritanos Envolvidos	<b>154</b>
Distritos largamente Internacionais	Madagáscar, Ilha Maurícia, África do Sul, Guiana, Amazónia	Espiritanos envolvidos	<b>97</b>
Distritos que acolhem outros confrades	Cabo Verde, Quênia, Gâmbia, Ilha de Reunião,	Espiritanos Envolvidos	<b>90</b>
Províncias que acolhem Outros confrades	França, Espanha, Irlanda, Portugal, Alemanha, Bélgica, Holanda, TransCanada, Canadá, USA/E, USA/W, Nigéria		

Constatamos que a vida internacional e intercultural envolve cada vez mais o conjunto dos Espiritanos. A maior parte das circunscrições vivem esta realidade, que paulatinamente faz o seu caminho, apesar das reticências dos começos. A internacionalidade foi uma opção de nossa Congregação, mas ela foi sobretudo fruto da evolução do mundo e da sociedade.

Vinte Espiritanos responderam a um questionário que lhes foi enviado. Eis extractos de algumas de suas respostas, juntamente com citações de documentos da Congregação.

## 2.1. Riquezas e vantagens para a Missão e Vida em Comunidade

- *Sinal da catolicidade nas Igrejas locais*

A presença de um Instituto religioso missionário internacional numa Igreja local oferece a esta Igreja uma qualidade de catolicidade e de universalidade que ajuda essa igreja local a participar mais plenamente nos valores e riquezas da Igreja universal. A insistência sobre a Igreja local corre o risco de levar a fechar-se sobre elas mesmas. Ora, como

testemunhas do universal, contribuimos para a catolicidade e a universalidade das Igrejas locais.

- *Testemunho profético de caridade*

"A experiência fez nascer em muitos confrades a convicção de que a prática da internacionalidade em nossas comunidades, circunscrições e regiões contém um valor evangélico e profético" e por isso "o Conselho Geral encoraja a abertura à internacionalidade, como testemunho de fraternidade e de comunhão" (Directório para a Organização, 21,11). "Num mundo como o nosso, onde as pessoas parecem cada vez mais desconfiadas e medrosas umas das outras, e onde se constroem barreiras para colocar os outros à distância, a vida em comunidade internacional e intercultural, para as pessoas de culturas diferentes, é um testemunho concreto e vivido do Reino de Deus" (S.L., Taiwan). "Quem nos visita aprecia a diversidade cultural de nossas vidas. Parece que, quanto mais o nosso testemunho é transcultural, tanto mais apreciam o caminho vivido pelos Espiritanos, simultaneamente igual e diferente (P. L., África do Sul).

- *Possibilidade de uma maior inculturação*

O pertencer a culturas diferentes é um convite a ultrapassar o etno-centrismo cultural e religioso, ajuda-nos a mergulhar no conhecimento do povo e da cultura local, a tornar-nos próximos das pessoas, a integrar-nos na Igreja local, e "a evitar o que se pode chamar de 'réplica', isto é, fazer uma igreja irlandesa, americana, italiana, francesa. A vida internacional exprime de modo mais concreto a catolicidade da Igreja" (P.A., EAP).

- *Uma bênção e um caminho de libertação*

"A internacionalidade é, com efeito, uma grande bênção. Começa-se com quase nada em comum e pouco a pouco juntos construímos a comunidade, servindo o povo que encontramos. Não sei como descrever isso, nem como explicá-lo, mas estou certo que a internacionalidade nos liberta. Livres para construir relações humanas baseadas mais no serviço do povo que em nossos sentimentos, livres para acolher novas maneiras para comunicar-se, livres para inventar novos rituais de amizade. Sim, devemos trabalhar para encontrar-nos mais uns com os outros, mas graças a este esforço suplementar, recebemos muito mais (P. J., Paraguay).

- *A vida internacional favorece a solidariedade na Congregação*

"Quanto mais variadas forem as origens dos confrades, mais os laços entre as diversas circunscrições espiritanas se concretizam e se estreitam. Com efeito, as províncias solidarizam-se com o que se vive nos grupos e preocupam-se com o seu futuro. Isso traduz-se concretamente na troca de informações, na mútua sustentação e na nomeação de novos confrades. Como consequência acontece o alargamento das perspectivas: uma visão mais vasta da Congregação e o sentir-se mais envolvidos no que se passa e se vive nos outros lugares" (M. T., Paquistão)

- *Missão mais rica e mais dinâmica*

"A nossa missão - o que somos, o que fazemos e porque o fazemos - enriquece-se pela multiplicidade de ângulos de vista e pelas abordagens pastorais complementares" (Amazônia). Os grupos de tamanho pequeno e de composição internacional permitem, em nossos compromissos missionários, estar mais atentos às diferenças culturais e ser mais dinâmicos, inventivos, adaptando-se com maior facilidade às diferentes situações de mudança. (cf. Dir. para a Organização, 5, 11)



*Téfé, Amazônia: 12 confrades de 6 países diferentes*

- *Sinal dos tempos - testemunho de unidade*

Hoje insiste-se na interdependência e os tempos actuais levam-nos a pensar de maneira global. A vida em circunscrições e comunidades largamente internacionais e interculturais aparece claramente como um sinal dos tempos e um caminho de futuro, em consonância com o Evangelho e com a nossa missão: ser testemunhas de fraternidade e de comunhão, testemunhas da realidade do Pentecostes, testemunhas de unidade na diversidade (Cf. Dir. para Organização, 11).

## 2.2. Enriquecimento pessoal

- *Questionamento pessoal*

A vida em comunidade internacional "leva-nos a questionar-nos de modo permanente e a e

permanecer "inquietos" no melhor sentido da palavra" (M. T., Paquistão), "a aceitar as nossas diferenças como uma riqueza, e a relativizar as nossas ideias e convicções muitas vezes aceites sem questioná-las e sem fazer uma reflexão profunda" (México).

- *Crescimento pessoal*

"Constatee em mim mesmo uma tolerância crescente, não simplesmente em relação às pessoas de outras culturas, mas igualmente em relação às de minha própria cultura. Há um alargamento de meus próprios horizontes. Descobri por experiência que a minha maneira de viver não é a única maneira autêntica de viver a vocação cristão" (P. L., África do Sul).



*Puerto Rico: 8 confrades de 3 países diferentes*

"O viver em comunidade internacional ensinamos como um povo vive e pensa e faz-nos crescer pessoalmente porque nos leva a rever e a repensar as nossas maneiras de pensar e de agir (...) e a confrontar os nossos costumes e valores" (V.S., Etiópia)

- *Enriquecimento pessoal*

"Respeitando e aceitando os outros tais como são, e sobretudo respeitando as suas diferenças, aprendemos a tolerância e o amor ao outro. Aprendemos também outras visões do mundo, outros valores, outras crenças e outros comportamentos, presentes no interior de nossa Congregação" (P.A., EAP).

- *Conhecer o outro transforma-nos*

"É apaixonante o dar-se conta dos traços culturais e o mergulhar no conhecimento das línguas, das tradições orais (...), o que me parece indispensável para manter a paz numa comunidade intercultural. E neste mergulho somos transformados" (B. D., França).

### **3. Desafios e dificuldades das Comunidades internacionais e interculturais**

Se as riquezas e as vantagens da vida em comunidade internacional e intercultural são evidentes, não podemos, no entanto, esconder os desafios e as dificuldades que lhe estão ligados. É um desafio que exige esforços, sacrifícios, despojamento, conversão. Esta conversão conduz-nos a um aprofundamento de nosso carisma, à edificação da confiança mútua e a viver numa grande disponibilidade. É o que exprimem os confrades consultados.

- *A vida em comunidade internacional uma tarefa, um mistério*

"Cada espiritano pode testemunhar que a vida em comunidade não é fácil, e sem dúvida, o viver em comunidade internacional não é a solução para encontrar uma comunidade ideal, que não existe em parte alguma" (S.L., Taiwan). A comunidade internacional permite-nos "sentir, compreender e experimentar as diferenças profundas existentes entre confrades de origens diferentes,

mas permite também constatar que, no que modela nossas relações, nem sempre podemos compreender tudo, pois existe sempre uma parte de mistério (...). Assim, este tipo de vida em comunidade é um verdadeiro laboratório, um campo de experiências, onde podemos formar-nos continuamente em nosso trabalho como missionários" (M. T. Paquistão).

- *Estar conscientes das diferenças culturais*

Em sua maneira de viver e pensar, cada um é modelado por sua cultura. Os traços culturais - as características profundas que 'grosso modo' persistem, apesar das mudanças - são bastante diferentes de uma cultura para outra. Por exemplo, "a maneira de conceber e viver a

pobreza - o uso do dinheiro e dos meios de comunicação social - pode ser diferente e potencialmente perturbadora" (P. L., África do Sul; B. D., França).

Ao reconhecer as diferenças culturais e religiosas, estamos nós preparados para considerar estas diferenças como fonte de enriquecimento mútuo? Estamos suficientemente abertos e disponíveis para deixar-nos questionar uns pelos outros e crescer na compreensão e no aprofundamento de nosso carisma espiritual ?

- *Enraizar-se em sua própria cultura*

Será possível ultrapassar as suas próprias fronteiras, sem estar profundamente enraizado em sua própria cultura, sem ter um interesse directo, e sem ter uma certa inserção na Igreja local donde se é originário? Precisamos estar enraizados em nossa própria cultura para sermos capazes de nos abrir à cultura dos outros. "Seria irrealista pensar numa prática da internacionalidade que esquecesse o carácter indispensável, para cada espiritual, dum enraizamento numa cultura, numa circunscrição de origem, e com os laços privilegiados que isso supõe. As particularidades culturais e eclesiais são uma riqueza para a Congregação. A dificuldade esta em encontrar o justo equilíbrio entre o enraizamento e a abertura à internacionalidade." (Dir. para a Organização, 22)



*Paraguai: 16 confrades de 10 países diferentes*

- *Ter uma atitude construtiva*

A vida em comunidade internacional ajuda-nos a apreciar os valores dos outros e a abrir-nos a novas perspectivas e novos horizontes. Isso ajuda-nos a tornar mais tolerantes e

pacientes com os outros e a olhar para as nossas próprias fraquezas. Viver em comunidade internacional provoca-nos, pois cada um é convidado a colaborar na comunidade com seus talentos, sua experiência e a deixar-se enriquecer pelos outros ( S.L. Taiwan ).

- *Ultrapassar os preconceitos*

Chegamos à comunidade internacional com os nossos preconceitos, nossas ideias e uma experiência limitada do mundo. "O preconceito deriva da falta de informações fiáveis e verdadeiras, o que impede os encontros em verdade"( Ejisu, Ghana). "Temos ainda dificuldade de evitar o jogo da dominação, os juízos em nome de nossas referências particulares. Existem ainda, aqueles que se colocam como absoluto nas comunidades" (P. C., Haiti). No entanto, muitas coisas já aconteceram no sentido da confiança e da fraternidade. O trabalho comum ao serviço dos pobres, a vida regular em comunidade e o 'tempo' contribuem para a abertura mútua e fazem nascer a solidariedade, a confiança e a fraternidade.

- *Alguns caracteres particulares*

A vida nas comunidades internacionais não me parece muito mais difícil que a vida nas outras comunidades, onde todos partilham a mesma cultura. Há tensões em certas comunidades,

mesmo em grupos 'nacionais' ou culturais de uma mesma circunscrição. Geralmente, as fricções vêm muito mais dos caracteres incompatíveis que da diferença de cultura; pelo menos, as fricções começam por ser conflitos entre pessoas que, depois são acentuados pelas diferenças culturais. O carácter de certos indivíduos pode destruir ou construir o espírito da comunidade (B. D. França, P. J. Paraguay).

### **Algumas resistências em relação aos grupos internacionais**

Embora actualmente a maior parte dos confrades aceite viver em comunidade internacional e intercultural, alguns são reticentes. Ou porque acham

que não há necessidade, ou que não é necessário procurar a dificuldade, ou porque não se sentem ainda preparados. Outros Espiritanos levantam dúvidas e reservas: a dificuldade de viver com estrangeiros pode aumentar as tensões nas comunidades espiritanas, retardar o entendimento nas comunidades e fazer com que o trabalho pastoral perca eficácia. É verdade que por vezes pode sentir-se o peso do cansaço, mas isso faz parte de toda a vida em comunidade. Há também um certo medo, desconfiança e receio de perder a sua autonomia e a sua segurança. As dificuldades para viver a internacionalidade sublinham a necessidade de comprometer-se sem ideologias nem rigidez, e de preparar-se cuidadosamente, tanto no plano individual como a nível da organização colectiva, pois a sua prática é exigente ( Cf. Dir. para Organização, 21)

#### **4. Clarificação de algumas situações particulares**

O que acaba de ser dito não suprime, no entanto, alguns verdadeiros problemas que precisam de clarificação nos grupos internacionais.

##### *Finanças*

Um aspecto importante e por vezes preocupante num grupo internacional é o das finanças, que podem ser fonte de tensão e de conflito; por exemplo quando alguns confrades têm acesso a recursos financeiros, vindos de suas províncias ou de seus amigos, enquanto outros os não têm; isto pode originar ressentimentos e desigualdade. A Nossa Regra de Vida pede-nos para colocar em comum todos os nossos bens e que "eventuais ajudas financeiras directas são sempre enviadas ao Grupo e não a confrades individualmente" (Dir. para Organização, 64). Evidentemente, cada um segundo os seus meios é convidado a contribuir para a vida do grupo. Neste ponto tão delicado, a transparência, a corresponsabilidade e a igualdade devem ser promovidas e o princípio da 'caixa comum' faz parte da Regra de Vida (RVE, 65).

##### *Autonomia e interdependência*

Os grupos internacionais constituem a linha da frente de nossa missão. Esta missão necessita criatividade, autonomia e também estabilidade. Exige também confrades jovens e bem motivados. Ora, constatamos que, por vezes, estes grupos são frágeis. A nossa Congregação tomou como orientação o favorecer a autonomia e a responsabilidade destes grupos, tanto em relação às orientações apostólicas, como aos seus recursos humanos e financeiros: "as circunscrições verdadeiramente internacionais precisam de estruturas que assegurem melhor a sua estabilidade" (Dir. Organização, 23). Do ponto de vista jurídico, todos os grupos dotados de um superior maior gozam da autonomia de uma circunscrição. É verdade que, porque estas circunscrições se encontram em países pobres, porque têm ainda poucos confrades autóctones, necessitam da solidariedade de toda a Congregação. Mas isso não deve criar a dependência na Congregação, pois necessitamos uns dos outros (pessoal e finanças) e somos solidariamente responsáveis pelo conjunto de nossa Missão.



*Filipinas-Taiwan: 11 confrades de 9 países diferentes*

Os laços privilegiados que cada espiritano mantém com a sua circunscrição de origem enraízam-no numa família, num grupo e numa Igreja. Mas isso não pode impedir de comprometer-se plenamente em sua circunscrição de afectação. Aí realizamos nossa vocação missionária e experimentamos uma nova fraternidade. Num grupo humano e numa

Igreja local encontramos um novo apelo de solidariedade. Somos chamados a assumir nossa parte de responsabilidade nesse campo missionário e a colocar a nossa confiança nessa nova solidariedade. Assim, para uma eventual transferência de um confrade à sua circunscrição de origem, que haja um diálogo entre os dois superiores, de modo a não enfraquecer os grupos internacionais. E havendo necessidade, recorra-se ao Conselho Geral.

### *Solidariedade na Congregação*

Chegar a uma maior igualdade, de modo que cada um e todos os Espiritanos possam viver dignamente, faz parte do sentido de família. Com esse objectivo a nossa Regra de Vida convida todas as circunscrições a contribuir com o supérfluo e mesmo com o necessário. Ela lembra que todos os bens materiais estão ao serviço de nossa Missão (RVE, 72). O Capítulo de Maynooth encorajou a colaboração (parcerias) entre as diferentes circunscrições e encarregou "o Conselho Geral de supervisionar a solidariedade entre as circunscrições, de organizá-la, de orientá-la" (6.7) e também de supervisionar as colectas de fundos quando estas dizem respeito a toda a Congregação (6.2). Após o Conselho Ampliado de Pittsburg, o Conselho Geral tomou medidas para procurar novos recursos. Claro que tudo isto requer uma boa gestão de nossos bens materiais e supõe que o nosso estilo de vida seja simples e modesto, próximo dos pobres que somos chamados a servir (RVE, 71).

### *A tarefa do Conselho Geral*

A unidade e a solidariedade dentro da Congregação são vitais. A missão do Conselho Geral é de zelar pela partilha dos recursos, humanos e financeiros, apoiar e coordenar toda a Missão Espiritana, sobretudo a dos grupos mais fracos, e animar a nossa vida e missão segundo o carisma espiritalano. Com efeito, o Capítulo de Maynooth pediu

uma maior atenção e uma maior intervenção por parte do Conselho Geral nos domínios da formação inicial, da solidariedade em toda a Congregação e nos novos compromissos missionários, largamente internacionais.

## **5. Olhando o futuro**

Alguns confrades sugeriram, pediram mesmo, um 'guia para a vida em comunidade internacional'. Eis, ao menos, algumas indicações que vão neste sentido:



*EAP: 155 confrades de 10 países diferentes*

- **Na formação inicial preparar-se para a vida internacional e intercultural**
  - Dar a cada jovem a possibilidade de fazer uma parte de sua formação numa comunidade internacional e favorecer a troca de jovens entre as diferentes casas de formação.
  - Que todos os jovens façam um tempo de estágio, programando-o de modo a oferecer-lhes a possibilidade de fazer uma experiência internacional e intercultural e aprender outras línguas.
  - Favorecer a aprendizagem das línguas.
  - Onde for possível, favorecer e organizar encontros internacionais entre os jovens em formação.
  - Ao longo da formação ter em conta o carisma e a espiritualidade espiritana.

- **Sugestões para a vida em comunidade internacional**

Eis algumas das numerosas sugestões feitas pelos confrades:

- o esforço de falar uma língua comum, se possível a do país de trabalho, constitui um trunfo para cimentar os laços entre os confrades.
- quando há predominância de confrades de uma mesma cultura, inconscientemente, eles tendem a impor a sua maneira de pensar e não dão bastante espaço aos outros. É desejável o equilíbrio de nacionalidades e culturas no seio dum mesmo grupo.
- é importante que a cultura de referência seja a do país onde se vive. Importa que a nossa internacionalidade seja 'situada', isto é, vivida com as pessoas e a Igreja do país; de outro modo fica-se sempre 'estrangeiro'.
- a comunicação é fundamental em todo o grupo; mas num grupo internacional é um elemento vital. Fazer atenção que algumas culturas são muito reservadas nas questões ligadas à vida pessoal.
- para socorrer as necessidades correntes pessoais, é desejável pôr-se de acordo sobre o 'dinheiro de bolso' de modo que desde o início as coisas fiquem claras (RVE, 69).
- as províncias e fundações de origem devem manter uma ligação com os confrades nomeados numa comunidade internacional, especialmente com os que estão sozinhos de uma circunscrição de origem.
- os superiores têm um papel particularmente importante na vida destes grupos: visitar os confrades, fazer atenção às pessoas, criar a unidade do grupo, promover a formação permanente, cuidar da organização do grupo ...



*Taiwan: 5 confrades de 4 países diferentes*

- organizar momentos de partilha e de reflexão sobre a vida do grupo, promover um conhecimento mais profundo de uns e de outros, fazer avaliação do caminho percorrido, aprofundar os aspectos pastorais, partilhar, rezar, criar amizade ...
- prever encontros festivos, saídas e excursões, celebrar em comunidade as festas nacionais e encontros culturais ...

- oferecer aos novos confrades que chegam um bom ambiente de vida em comunidade, condições e tempo suficiente para aprender a língua e a cultura, conhecer a Igreja local e também para aprender a 'amar' o povo.

### **Conclusão**

A internacionalidade vivida por um número significativo de Espiritanos convida toda a Congregação a uma maior solidariedade, a uma partilha mais efectiva de seus bens, a uma maior solicitude de uns pelos outros. A vida em comunidade internacional e intercultural será sem dúvida, um dos aspectos marcantes no futuro de nossa Congregação.

O movimento actual da 'globalização' tende a nivelar e fazer 'tábua rasa' das diferenças culturais. A nossa maneira de viver a internacionalidade deveria, pelo contrário, respeitar e promover a diversidade das pessoas e das culturas, tanto em relação ao nosso enraizamento de origem, como em relação ao nosso compromisso missionário.